

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Campus Universitário do Sul do Pará - Marabá  
Núcleo de Parauapebas  
Curso de pedagogia



PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE  
HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS:  
REALIDADE OU UTOPIA ?

Um estudo etnográfico no município de Parauapebas

Por

Ariosvaldo Demétrio Guimarães - Mat: 945300915  
Maria Nazaré Rodrigues - Mat: 945303315

<b>UFPa - CMB - Biblioteca</b>
Data: 13/11/02
Registro: 034/2001
Origem: doação

Parauapebas - Pará  
1999

6

PEDAGOGIA  
ETIQUETA N°67

## DEDICATÓRIA

**Dedicamos este trabalho aos nossos familiares e alunos que direto ou indiretamente nos proporcionaram grandes contribuições e principalmente aos colegas professores, ainda que receiosos de se expor ao sistema, muitos lutam por uma sociedade mais digna**

## AGRADECIMENTOS

**A todos nossos professores que nos acompanharam nessa longa trajetória de vida escolar os quais nos permitiram ampliar nossos conhecimentos acerca da realidade nesse mundo com contrastes sociais.**

**Ao companheiro Antônio Neto, o qual em muito nos contribuiu.**

**À Cia Vale do Rio Doce que durante o curso na faculdade favoreceu parte da jornada trabalho para dedicação de meus estudos.**

**E especialmente aos nossos familiares que não mediram esforços para que alcançássemos nossos objetivos.**

## SUMÁRIO

	Página
Introdução .....	6
Capítulo I .....	8
O currículo e suas implicações sociais e os PCN's - Breve histórico .....	8
Origem dos PCN's brasileiros .....	11
Política de implantação .....	13
Capítulo II .....	21
Parâmetros curriculares de história e geografia nas séries iniciais do ensino fundamental .....	21
Aprender e ensinar história no ensino fundamental .....	24
Ensino e aprendizagem de história no primeiro ciclo .....	26
Segundo ciclo .....	27
Problematização .....	29
Caracterização da área de geografia .....	31
Conhecimento geográfico .....	33
Aprender e ensinar geografia no ensino fundamental .....	34
Ensino e aprendizagem de geografia no primeiro ciclo .....	36
Ensino e aprendizagem de geografia no segundo ciclo .....	39
Paralelo entre livros didáticos das séries iniciais e os parâmetros de história e geografia.....	44
Capítulo III .....	52
PCN de história e geografia e o ensino das disciplinas no Município de Parauapebas .....	52
Mini curso sobre PCN de história e geografia .....	68
Relatório dos mini cursos .....	69

Cosiderações finais .....	74
Referências bibliográfias .....	76
Anexos .....	77

## INTRODUÇÃO

Como a questão curricular vem sendo objeto de debate nos últimos tempos e principalmente nessa nova perspectiva de trajetória econômica, na qual a educação adquire um importante papel na redefinição do papel do cidadão, seja no aspecto de uma transformação social, seja na questão da adequação aos ditames do capital, assim decidimos pesquisar na área de currículo com a preocupação e interesse em uma discussão a respeito da política curricular nacional, que diante da mercadização da educação, aos interesses do capital internacional, centralizamos nossa pesquisa nas áreas de história e geografia por serem disciplinas que nos permitem analisar a conjuntura política e econômica em que estamos inseridos. A pesquisa nos proporcionou uma ampliação dos nossos conhecimentos teóricos e práticos nas respectivas áreas do saber.

O trabalho está composto por três capítulos, sendo que:

Capítulo I - Currículo: Corresponde a um enfoque sobre currículo numa perspectiva global.

Capítulo II - PCN's de História e Geografia: Apresenta propostas curriculares de história e geografia para as séries iniciais do ensino fundamental.

Capítulo III - O ensino de História e Geografia em Parauapebas, um confronto com a proposta dos PCN's: Pesquisa de campo sobre o ensino de história e geografia.

Este trabalho foi elaborado com base em uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica e utilizamos como método de coleta de dados a observação e entrevistas semi

- estruturadas, complementando com pesquisas bibliográficas e operacionalização de mini-cursos, que ao serem desenvolvidos nos trouxe uma visão ampla a respeito da realidade com que trabalham os professores da área. Os mini-cursos foram desenvolvidos com 60 professores da séries iniciais, e com bases nos relatórios desenvolvemos também a pesquisa, que servirá como fonte de informação para professores, alunos e em geral a todos interessados na área da educação.

# CAPÍTULO I

## O CURRÍCULO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E OS PCN's

### BREVE HISTÓRICO



“O Currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicada as relações de poder, o currículo transmite visões sociais, particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares”. (SILVA, 1994:87)

Para falar em Parâmetro de História e Geografia, faremos um breve enfoque em âmbito geral do contexto histórico no campo do currículo, com base em vários autores que fazem um breve apanhado referente a trajetória curricular, enfatizando os principais elementos que contribuíram para o seu desenvolvimento. Cabe ressaltar que durante muito tempo o currículo esteve voltado para questões meramente técnicas metodológicas e apenas com o surgimento da Nova Sociologia de Educação, é que podemos observar algumas transformações no campo social político e epistemológico.

Como afirma o autor, o currículo não é um elemento neutro nem inocente, fica então evidente que numa sociedade dividida em classes com interesses antagônicos, o currículo irá se manifestar de acordo com os propósitos pré estabelecidos pela classe cujo

interesse lhe é atribuído. Sendo assim, o currículo na educação, assume um importante papel de dominação, controle social e cultural, de uma classe sobre a outra.

Vale ressaltar que apenas no final do século passado e início deste, nos Estados Unidos é que uma parcela de educadores começaram a trabalhar sistematicamente o currículo, dadas as atuais situações da época (desenvolvimento tecnológico, imigração, adequação ao capital, seleção cultural, etc.). A princípio, as atividades pedagógicas desses educadores centravam-se em atividades desenvolvidas por metas e padrões pré-definidos em um processo de racionalização daquilo que se objetivava ao ensino e aprendizagem. Diante deste contexto a escola assume o papel de operacionalizadora do currículo, no qual se manifestam os valores sócio-político-cultural previamente estabelecidos.

Como consequência da sistematização do currículo, surge então duas tendências: uma voltada para a construção do currículo, no sentido de valorizar o desenvolvimento da personalidade do aluno, outra preocupada com os de aspectos técnicos-científicos, considerados essenciais na vida adulta. A primeira centrava-se nos trabalhos *Dewey e Kilpatrick*, embasados numa concepção humanista. Já a segunda, se fundamentava no tecnicismo de *Bobbit*.

Como a sociedade americana, - detentora do poder - sentia-se insatisfeita com o sistema educacional vigente, na década de 50, com a perda da corrida espacial para os russos, partiram então, para uma reformulação do currículo através de recursos federais com o intuito de estabelecer uma estrutura educacional que primasse o desenvolvimento de tecnologias avançadas.

Nos anos 60, problemas como o desemprego, racismo, crimes, condições precárias de habitação, levou a sociedade norte-americana a se revoltar, protestar contra o

sistema educacional vigente. Diante desse quadro, surge educadores preocupados com as injustiças e diferenças sociais e começaram a trabalhar um currículo fundamentado na teoria *neomarxista*; a escola de *Frankfurt*, nas teorias da *Nova Sociologia* desenvolvida na Inglaterra. Convém salientar, que este currículo, embora trabalhando sob concepções que tangenciam problemas sociais, mas configuram-se ainda como elemento de controle da sociedade.

Embora diante de uma visão sociológica dos currículos, os autores nos alerta para as seguintes questões: não é possível uma visão inocente do currículo, e assim este acaba sendo uma arena política. Diante de tais fatos, o currículo é também ideologia no sentido de transmitir aos alunos uma visão de mundo apropriada por uma determinada classe social, desta forma não cabe julgar se a ideologia é falsa ou verdadeira, mas sim, discutirmos quem de fato elas beneficiam.

De forma geral, a transmissão da ideologia está centrada em grande parte nos currículos oficiais, porém transcende o currículo oficial e acaba se manifestando no currículo oculto. E como o currículo tem exercido a função de controle da sociedade, os curriculistas procuram adaptá-lo de acordo com a ideologia estabelecida pelo poder vigente.

A seguir discutiremos a questão que está diretamente ligada a política educacional brasileira que atualmente vem sendo assunto de debate nas discussões educacionais.

## ORIGEM DOS PCN's BRASILEIROS

O fim do socialismo significou uma vitória do capitalismo e o início da retomada dos princípios liberais, chamada de “social democracia”. Com a política neoliberal, a globalização da economia, e o domínio total dos países considerados “terceiro mundo” tornou-se essencial que o Estado assuma o papel de controlador do que deve ser ensinado na escola, através de parâmetros curriculares estabelecidos a nível nacional.

Com isso o governo brasileiro, assumiu o compromisso de elaboração de um Plano para “salvação” da educação brasileira no ano de 1990, em uma conferência mundial de educação, que aconteceu na Tailândia, convocada por organismos, principalmente financeiro internacional, como o FMI, Banco Mundial, e outros como UNESCO, Unicef, sendo que neste compromisso estava a implantação dos Parâmetro Nacionais Curriculares, que serão implantados, executados e controlados pelo SAEB ( Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica).

Sobre essa política educacional implantada no Brasil, relacionada à política financeira internacional, Torres nos chama atenção:

“Para as políticas postuladas por organismos muitos deles verdadeiras instituições financeiras como o FMI e o Banco Mundial , que, orientados pela lógica neoliberal, propõem ajustes estruturais, com o objetivo facilitar o domínio do mercado internacional nas economias latino americanas. O compromisso assumido pelo governo brasileiro na conferência expressaria, assim, uma inflexão da política educacional

brasileira aos ditames do capital internacional e suas organizações’.  
(Torres , apud OLIVEIRA E SOUSA. 1996)

Com esse compromisso o ministério da educação passa a elaborar o Plano Decenal de Educação para todos, argumentando que o sistema educacional brasileiro necessita de um esforço concentrado de toda população, afim de “recuperar” a educação fundamental. Ainda no governo Itamar Franco, em 1993, foi aprovado o plano e dentro dele aparecem os PCN’s, que serão executados a nível nacional e controlados pelo SAEB, esse órgão vem justificar a “necessidade” de um currículo nacional básico que até então vinha sendo barrado pela diversidade curricular nacional pela LDB anterior 5.692/71, que propunha a interdisciplinaridade. Isso dificultava o órgão avaliar o ensino, mesmo porque, não se tinha um sistema que avaliasse a educação como um todo, ou seja, isso significa que nos últimos tempos cada estado vinha adotando seus próprios currículos, adequando-os a suas necessidades regionais. Como afirma a professora Iara Prado - secretária de educação fundamental do MEC:

“Um dos grandes problemas que o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), organismo do MEC, tem enfrentado é justamente a inexistência de um parâmetro curricular nacional. Nestes dez anos, vinte unidades de Federação, o Distrito Federal inclusive, vêm adotando suas próprias propostas curriculares, o que ocorre também com alguns municípios como São Paulo e Rio de Janeiro. São currículos regionais. Quando o SAEB define o conteúdo

com que vai trabalhar para avaliar o ensino, ele esbarra na questão de que alguns Estados não o adotam ou então não aplicam determinado conteúdo da forma que o SAEB quer analisar. Nós agora vamos dar um parâmetro para os Estados. (Geraldi apud Nova Escola, 1996:52-53).

O Governo argumenta a não obrigatoriedade dos PCN's, porém a atribuição do SAEB na educação contradiz essa afirmação, na medida que sua função principal é avaliar o ensino e conseqüentemente controlar, tornando a execução dos PCN's uma obrigatoriedade, isso porque, para se obter um bom rendimento na avaliação pelo SAEB e necessário também que se execute os conteúdos dos PCN's conforme estão elaborados.

## POLÍTICA DE IMPLANTAÇÃO

Diante da dificuldade de se avaliar o ensino nacional, o governo resolve estabelecer um parâmetro que tornasse mais ágil a avaliação pelo SAEB e assim dá início uma série de resoluções nas políticas educacionais. Então são divulgados a viabilidade dos PCN's e com eles o discurso da "qualidade" e a solução para os diversos problemas educacionais, como afirma o ministro da educação Paulo Renato Souza, no documento de introdução dos PCN's:

"Nosso objetivo é auxiliá-lo na execução do seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e consciente de seu papel na

sociedade (...) Nesse sentido o proposta do MEC, ao consolidar os parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (PCN, doc. Introdutório, 1997:p.2).

Esse discurso nos mostra que essa política educacional, ao contrário do que está sendo propagada, não representa os anseios das classes populares, haja visto que as políticas pedagógicas são elaboradas por profissionais de altos níveis, ficando as escolas apenas com a responsabilidade de executar essa política definida pelos doutores do sistema de ensino, sendo que para tal execução, não recebeu do poder público as condições para o desenvolvimento do ensino aprendizagem, tais fatores inviabilizam o processo de produção do conhecimento até mesmo por falta de equipamentos básicos, sem falar nas condições salariais que também influenciam diretamente para a melhoria do trabalho pedagógico, nem tão pouco das condições para formação dos professores para atender as exigências e polivalências requeridas nos PCN's, necessárias à sua execução. Dessa forma o discurso do ministro escamoteia a subordinação da política educacional às exigências principalmente do capital internacional e suas organizações.

A política neoliberal, mascara a realidade com a proposta de descentralização da educação, ou seja, passa uma falsa idéia de democracia através do auto gerenciamento dos recursos educacionais, onde a comunidade escolar (conselho escolar), que também foi imposto na escola, passa a fazer parte da administração e aplicabilidade dos recursos. Assim fica caracterizado mais um mecanismo criado pelo governo que transfere do Estado

a responsabilidade das políticas educacionais. Essa transferência atinge também outro objetivo, que é gerar uma maior controle e cobrança por parte dos pais, o que se refere a educação de seus filhos.



Mas não há de fato uma total descentralização, porque o governo centraliza a política educacional na medida em que impõe os parâmetros, disfarçado como instrumento de apoio ao professor, o qual acabará se tornando obrigatório quando o Sistema de Avaliação der início a suas atribuições de verificar, premiar sua aplicabilidade ou punir a não aceitação dessa proposta, gerando desta forma a meritocracia entre as escolas.

“Nesse contexto, você professor, ou grupos de professores da escola, podem fazer tudo o que quiserem em sala e na escola, só que os seus alunos serão avaliados com base no que propõe os PCN's, e os resultados serão do conhecimento de todos e produzirão repercussão no seu salário (direito ou não a gratificações); na escola (pode perder ou ganhar verbas). Se aguentar tudo isso, então, você pode ter toda a autonomia porque não é obrigatório”. (CORINTA, 139:1996).

Dessa forma, tende a atingir os objetivos da política, que são: competitividade entre escolas, entre professores; a corrida em busca de recursos financeiros e ascensão profissional. Diante do quadro atual, com a situação de desemprego, ser professor, representa para a maioria a única possibilidade de sobrevivência, com isso a classe docente encontra-se obrigada a se submeter às políticas de imposições que o governo impõe para a educação com um discurso de democracia, a qual se identifica mais como uma pseudodemocracia, haja visto a criação do conselho escolar, que seria uma entidade de

grande utilidade para as decisões nas escolas, porém imposta pelo governo, tornou-se uma entidade eminentemente burocrática, porque em grande parte, acabou assumindo a mera responsabilidade de controle das verbas.

De acordo com o SAEB, quem faz a prova é o aluno, mas isto servirá de base para a avaliação do trabalho do professor e desempenho da escola, estes irão criar mecanismos, para a aplicabilidade da proposta, os quais acabaram sendo responsabilizado pelo sucesso ou fracasso da escola. Neste caso, professores e escola, estarão tão envolvidos em ser o melhor, que lutarão muito mais para vencer a competitividade, do que mesmo lutar por melhores condições de trabalho, eximindo o governo das suas responsabilidades, em relação às necessidades das políticas públicas. Sem lembrar que o objetivo da política educacional, também é sucatear, ridicularizar a escola pública e valorizar a escola privada, passando para a maioria da população, a falsa idéia de que o que é público não funciona, estimulando para que o mercado seja o auto controlador da política educacional, favorecendo o processo de privatização.

Inerente ao que afirmamos anteriormente, Apple reafirma com bastante propriedade, quando se refere a diferença entre democratização escolar e as políticas educacionais no processo neoliberal:

“Há uma enorme diferença entre o esforço democrático de ampliar os direitos do povo às políticas práticas da escolarização, e a ênfase neoliberal em torno da mercadização e privatização. O primeiro visa a ampliar a política, reestruturar a prática democrática baseado em uma visão de democracia como prática educativa. A segunda, por sua

vez, busca conter a política. O que ela quer é reduzir toda a política à economia, a uma ética de “escolha” e de “consumo”. O mundo torna-se em essência, um enorme mercado”. (APPLE.p70)

Em outras palavras, a política educacional, embora disfarçada com a preocupação de implantação de currículo com discurso de democratização e “salvação” da educação brasileira, atende mais as políticas financeiras internacionais, que no processo de globalização além de explorar economicamente países como o Brasil, ainda impõe a dominação cultural.

Vale apenas salientar que a política educacional brasileira, não pode ser compreendida fora da dinâmica do capital internacional, que através do processo de globalização e fundamentado pelo projeto neoliberal, o governo brasileiro busca adequar a educação à nova ordem econômica estabelecida, desta forma rearticulam-se as políticas educacionais com base nas diretrizes dessa nova ordem. Assim a educação brasileira ganha uma outra dimensão, no sentido de atender as necessidades nesse novo cenário econômico mundial.

Nesse caso referente a política de dominação neoliberal, Tomaz Tadeu, nos chama atenção:

“Nesse projeto, a intervenção na educação com vista a servir aos propósitos empresariais e industriais tem duas dimensões principais. De um lado é central, na reestruturação buscada pelos ideólogos neoliberais atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos

de preparação para o local de trabalho. No sentido léxico liberal, trata-se fazer com as escolas preparem melhor seus alunos para a competitividade do mercado nacional e internacional. De outro, é importante também utilizar a educação como veículo de transmissão das idéias que proclamam as excelências do livre mercado e da livre iniciativa. Há um esforço de alteração do currículo não apenas com o objetivo de dirigi-lo a uma preparação estreita para o local de trabalho mas também com o objetivo de preparar os estudantes para aceitar os postulados do credo liberal” (SILVA, 1997).

Portanto, queremos ressaltar que não somos contra a preparação do aluno para o mercado de trabalho, mas estamos preocupados quanto a massificação e manipulação através do processo educacional.

A nossa preocupação, é que um currículo nacional nessa perspectiva atrelado a atender as necessidades do mercado de trabalho venha a cometer os mesmos erros que existiram ao longo das propostas curriculares anteriores e que as mesmas fiquem relegadas a segundo plano, e que venham dar maior ênfase as matérias mais exigidas no tão complexo e competitivo mercado, que são as disciplinas que oferecem maior lucratividade e produtividade, como a linguagem a escrita e áreas de cálculos. Nesse sentido, as disciplinas que permitem uma reflexão de cunho social, onde sabemos que em uma sociedade dividida em classes com interesses antagônicos, a educação voltada apenas para o mercado de trabalho, toma uma outra dimensão do ensino, ou seja, o aluno aprende a

aprender e isto está relacionado a uma amplitude técnica: habilidade para agir o que torna sendo diferente de agilizar para libertar. Agir no mundo não significa agir para o mundo.

Com essa mesma preocupação, sobre ênfase da educação atrelada às exigências do mercado, Corinta em 1996 já afirmava que:

:

“No segundo ciclo já é notável a preocupação com conteúdos disciplinares. Além disso, é importante atentar para o fato de que as mudanças proposta na estrutura curricular, dando maior ênfase às matérias instrucionais, podem contribuir para pauperizar ainda mais currículos de conteúdos e vivências críticas, da necessidade de contextualização histórica e sociológica dos alunos, como indivíduos pertencentes a uma sociedade de classes, portanto, submetidos as relações de interesses”. (OLIVEIRA.1996)

De fato, o currículo não é um elemento inocente e neutro, e para evidenciar essa afirmação tomamos como ponto de partida as estratégias que o projeto neoliberal no Brasil tem reservadas para a educação, é importante também se verificar que esse processo é parte de um processo internacional mais amplo. Numa era de globalização e de internacionalização, esses projetos nacionais não podem ser compreendidos fora de sua dinâmica internacional. A presente tentativa hegemônica da educação segue um processo que se iniciou em países desenvolvidos como Inglaterra e Estados Unidos.

O projeto em curso procura transformar o espaço de discussão política em estratégias de convencimento, tendo a seu serviço os meios de comunicação; desenvolve o

convencimento da eficiência privada em oposição a ineficiência e ao desperdício dos serviços públicos, bem como a redefinição da cidadania pelo qual o agente político se transforma em agente econômico e o cidadão em consumidor, esses são todos elementos centrais e importantes do projeto neoliberal global. É nesse projeto global que se insere a redefinição da educação em termos de mercado. Assim o sistema educacional sofre intervenções, e entre outras atribuições a principal lhe confere a responsabilidade de preparação para atender as necessidades do local de trabalho. Desta forma as escolas instruem melhor seus alunos para a competitividade do mercado nacional e internacional, e aí se prega uma educação que prima a “qualidade” do ensino, mas é impossível haver “qualidade” num país em que se constata uma enorme divisão social, nem tampouco pode haver “qualidade” quando se discrimina, quando as maiorias são submetidas à miséria e condenadas à marginalidade, quando se nega o direito à cidadania a mais de dois terços da população.

Nossa tentativa consiste em construir uma sociedade onde os “excluídos” tenham espaço, onde possam gozar do direito a uma educação radicalmente democrática.

## CAPÍTULO II

### PARÂMETROS CURRICULARES DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo trabalharemos com os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia nas séries iniciais, para tanto faz-se necessário apresentá-los na sua totalidade. De início trabalharemos com o currículo de História e em seguida com o currículo de Geografia.

A História no ensino fundamental tem passado por várias etapas a partir da constituição do Estado brasileiro, e esteve presente, no currículo da escola elementar. O Decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 1827, estabelecia à história, tinha como objetivos fornecer conhecimentos políticos rudimentares, formação religiosa e moral cristã, ou seja, a História civil articulada com a História Sagrada. No Período Imperial a História aparecia no currículo como disciplina optativa.

Com a criação do Colégio Pedro II, a disciplina seguiu o modelo francês - História Universal. Sendo que a história do Brasil foi introduzida no ensino secundário por volta de 1855. Sendo que na década de 70 do mesmo século - sob a influência cientificista, travaram-se debates com a igreja, em prol da incorporação das disciplinas: Ciências físicas; História natural, tópicos sobre: Geografia Universal, História do Brasil; História Regional. Na prática o que se cobrava era a leitura, escrita, noções de gramática, princípios de aritmética e o ensino da doutrina religiosa, com base na memorização.

No final do século XIX, o nacionalismo no Brasil vem com uma nova roupagem, com base em fatos como: abolição da escravatura, implantação da República, racionalização das relações de trabalho e processo de migração. A história passou a ocupar

no currículo um duplo papel: o civilizatório e patriótico, ao lado da Geografia e da Língua Pátria. A missão da escola seria o de modelar o tipo de trabalhador: o cidadão patriótico.

Com a nova visão o estudo da história passou a ser: a História da Pátria, da civilização, que objetivava a integração da sociedade brasileira à modernização ocidental. Com isso a moral religiosa foi substituída pelo civismo como: festas cívicas, desfiles cívicos, eventos comemorativos e celebração de cultos aos símbolos da pátria.

Nas primeiras décadas deste séculos, o currículo escolar conseguiu de uma certa forma ser idêntico em todo país dando ênfases: a história geral, ensino dos estudos sociais, com o objetivo substituir a história e geografia, especialmente no ensino elementar, inspirado na pedagogia norte americana. Com o processo de industrialização e urbanização, fez-se necessário repensar os currículos escolares, com objetivo de incorporar a tese de democracia racial, da ausência de preconceitos raciais, sexuais e étnicos.

Ao longo desse período apesar do escolanovismo norte-americano propor uma dinâmica de aulas centradas no aluno e seus interesses, a metodologia de ensino continuou sem modificações, sendo considerado o mais importante a preparação para os exames finais.

A partir de agora trataremos da proposta curricular para o ensino de História no primeiro e segundo ciclo que corresponde respectivamente as quatro séries iniciais. No primeiro momento apresentamos a proposta de história e em seguida trabalharemos a questão de geografia.

## **DA HISTÓRIA AOS ESTUDOS SOCIAIS**

Da segunda guerra mundial até os anos 70, período de luta pela especificidade da História e o avanço dos estudos sociais. A História logo o pós-guerra passou a ser vista, na conjuntura internacional, como uma disciplina importantíssima na formação de uma cidadania para a paz. Os livros didáticos passaram a ser elaborados com o objetivo de descaracterizar o nacionalismo. A escola deveria revestir seus conteúdos mais humanista e pacifista, voltado para o desenvolvimento do processo econômico.

Na educação elementar a tendência era substituir a História e a Geografia por estudos sociais, com o objetivo de descaracterizar o civismo moralista da visão norte-americana introduzida nos currículos brasileiros. Sendo que até então a história era entendida a partir de uma visão linear dos fatos.

## **RETORNO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA**

No decorrer dos anos 80, sob a lógica da democratização - houve uma transformação da clientela escolar - suscitar dentro dos vários grupos sociais (resultante do processo de migração do campo para as cidades), somando a esta problemática, veio as diferenças econômicas e sociais - internas e externas - o avanço tecnológico que o Brasil estava atrasado internacionalmente.

Nesse contexto retorna o estudo da História e da Geografia no currículo escolar nas séries iniciais.

Os historiadores voltaram para abordagens de novas temáticas de estudos ligados a História Social.

Os currículos foram ampliados com conteúdos de História nas séries iniciais.

Diríamos então que nas últimas décadas, no campo da atuação pedagógica, houve questionamentos significativos em torno da elaboração (sistematização) dos currículos.

## CONHECIMENTO HISTÓRICO

Tem como característica principal a importância social.

A multiplicidade de povos, culturas em tempos e espaços diferentes, tem sido estudada considerando as diversidades sociais entre povos, nações e classes.

O ensino da História, apresenta objetivos específicos, sendo um deles, a constituição da noção de identidade.

Nessa ótica o que é primordial tem o objetivo da História? Estabelecer relações entre identidades individuais, sociais e coletivas.

Surge então a necessidade de se trabalhar a visão de uma constituição de uma identidade social do estudante, trabalhar noções de diferenças e semelhanças.

Em um terceiro momento vem a construção de noções de comunidades.

## 1 APRENDER E ENSINAR HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

No processo educacional faz-se necessário um questionamento sobre o saber histórico escolar e um relacionamento sobre três aspectos: *o fato histórico, o sujeito histórico e o tempo histórico.*

**O fato histórico:** eventos políticos, as festas cívicas e as noções de heróis nacionais.

Essa é uma visão numa concepção linear da história. Em uma outra concepção não linear da história - os fatos históricos são entedidos como ações humanas significativas escolhidos por professores e alunos em um dado momento histórico (pela coletividade).

**Os sujeitos da História:** Podem ser entendidos por personagens de ações individuais como: os reis, rainhas e rebeldes ( visão de História como dependente do destino) podem ser entendidas por personagens - sujeitos de uma ação social como: líderes de lutas de classes; (patrões, empregados, reis, escravos, camponeses, políticos, partidos políticos, etc.).

**O conceito de tempo histórico:** a visão onde os acontecimentos são identificados pelas datas. Considerando em toda a sua complexidade (tempo cronológico) como um objeto social de cultura. Os diferentes conceitos de fatos históricos são conseqüências de sujeitos históricos.

### **1.1 OBJETIVOS DA HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

- Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelece com o tempo e espaço.
- Organizar alguns repertórios históricos e culturais que lhe permitam uma multiplicidade de ações e exemplificações do presente e do passado.
- Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais.
- Reconhecer mudanças e permanências na vivência humana.
- Questionar sua realidade.
- Utilizar métodos de pesquisas e produções.
- Valorizar o patrimônio social e cultural e respeitar as diversidades.

- Conteúdos de História, critérios de seleção e organização.
- Segundo os parâmetros curriculares nacionais a seleção de conteúdos, parte das problemáticas locais em que estão inseridos as crianças e as escolas.
- Os conteúdos foram escolhidos a partir da idéia de que se conheceu as muitas histórias nacionais.

## **1.2 ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NO PRIMEIRO CICLO**

O primeiro ciclo corresponde ao ensino de 1ª e 2ª série.

Inicialmente o estudo de história está voltado para desenvolver nos alunos: compreensão de semelhanças e diferenças sociais; A permanência ou transformação num modo de vida.

No primeiro ciclo propõe-se um trabalho de alfabetização onde os alunos possam utilizar fontes documentais (fotografias, mapas, filmes, depoimentos, etc.).

OBS: é necessário desenvolver trabalhos específicos como organização de informações, leituras, escritas e formas de registro.

### **1.2.1 OBJETIVO DE HISTÓRIA PARA O PRIMEIRO CICLO**

- Comparar acontecimentos no tempo.
- Reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais.
- Reconhecer algumas permanências e transformações sociais.
- Caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena com suas dimensões econômicas, culturais e religiosas.
- Identificar as funções de alguns documentos históricos e fontes de informações.

## **1.2.2 CONTEÚDOS DE HISTÓRIA PARA O PRIMEIRO CICLO**

Devem focar primordialmente as diferentes dimensões da História, levando em consideração o local e o tempo em que o aluno vive.

Prevalece um estudo comparativo.

Os conteúdos devem tratar de estudos que provoquem a pesquisa ao conhecimento de características adversas da sociedade (etnias).

Diante desse conteúdo cabe ao professor: fazer recortes e selecionar alguns aspectos mais relevantes, problemas locais ou contemporâneos; desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos; avaliar o seu trabalho ao longo do ano refletindo sobre as escolhas dos conteúdos.

## **1.3 SEGUNDO CICLO**

Os conteúdos proposto para o segundo ciclo correspondem aos estudos de 3ª e 4ª séries.

O ensino e a aprendizagem de História no segundo ciclo, continua com: a avaliação do conhecimento do aluno; a necessidade de intervenção do professor com intervenções pedagógicas; os questionamentos são realizados a partir do convívio do aluno; o uso de materiais e recursos (jornais, revistas, mapas, etc.).

### **1.3.1 OBJETIVOS DO SEGUNDO CICLO**

Reconhecer algumas relações sociais econômicas, políticas e culturais, estabelecidas pela sua coletividade; Identificar as relações de poder estabelecidas por entre

sua localidade e as demais; valorizar as ações coletivas; utilizar diferentes pontos de informações - leituras críticas.

#### **1.4 EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS**

- Centra-se nas diferentes Histórias que compõem as relações estabelecidas entre as coletividades locais e outras.

- Deve dar ênfase as relações políticas, econômicas e culturais, local e extra local.
- Analisar o êxodo de pessoas e suas coletividades (cor, crenças, costumes, etc.).
- Busque reforçar a função do sujeito histórico.

##### **1.4.1 CONSIDERANDO O EIXO DESTA TEMÁTICA, OS ALUNOS DEVEM ESTUDAR:**

- A procedência geográfica e cultural de suas famílias.
- Os deslocamentos populacionais para o território brasileiro e seu contexto histórico.

- As migrações (...) hoje e no passado.
- Os grupos de classes sociais (...) hoje e no passado.
- Os centros políticos administrativos brasileiros.
- As relações econômicas, políticas, sociais e culturais (...) hoje e no passado.

#### **1.5 CABE AO PROFESSOR**

- Fazer recortes e priorizando os conteúdos mais significativos, levando em consideração sua localidade hoje e no passado.

- Desenvolver um trabalho de integração, nos conteúdos de História e outras disciplinas.

- Avaliar seu trabalho ao longo do ano.

## **1.6 ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS**

Propor um ensino/aprendizagem de História que possibilite o aluno a refletir criticamente sobre a convivência e as obras humanas.

## **1.7 PROBLEMATIZAÇÃO**

1. Questionamento da realidade exposta - trabalho com documentos:

a) Escolher com coerência abordagens que busque a reflexão, a localização e a análise;

b) Os documentos nesse sentido não nos levaram ao conhecimento apenas de como foi a vida no passado;

c) Documentos trabalhados (cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, fatos, construções, ferramentas de trabalho, vestimentas, meios de locomoção, meios de comunicação, etc.); .

2. Trabalho e leitura são interpretações de fontes bibliográficas.

a) Cabe ao professor a ensinar a seus alunos a realizar uma leitura crítica de produção e conteúdos históricos, distinguindo contextos, funções e argumentos (...) intencionalidade.

Esse trabalho proporciona:

- Um melhor conhecimento da língua portuguesa (através de diferentes estilos);
- Incentivar a pesquisa;

- Análise crítica de obras;

- Valorização de leituras críticas, qualitativa e não somente quantitativa.

OBS: Cabe ao professor promover debates sobre as obras estudadas e os seus conhecimentos.

## **1.8 O TEMPO NO ESTUDO DA HISTÓRIA**

### **1. Tempo cronológico:**

Para o estudo da História, considera-se que existiu um lugar/momento, portanto é importante a utilização de calendários, meios que possibilite a socialização do período. O calendário para História é um meio que auxilia na construção do estudo da cultura.

### **2. Tempo de duração:**

Nesse estudo da História, a dimensão do tempo é dada a partir da identificação de mudanças no modo de vida das sociedades.

No estudo da História, considera-se as dimensões do tempo, como duração, a partir das mudanças que orientam a permanência no modo de vida das sociedades.

A par dessa visão, o estudo dos acontecimentos, permite a valorização das diferentes dimensões de tempo, como já referido.

### **1.8.1 RÍTMOS DE TEMPO**

Nesse estudo, considera, as dimensões do tempo que predomina como ritmo da organização da vida coletiva.

Criação de rotinas diárias, semanais, mensais e anuais com os alunos, festas feriadados, dias de descansos.

Criação de calendários, confecção de relógios de sol, etc.

### **ESTUDO DO MÊS**

É gratificante e significativo para os professores e alunos, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola: visitar uma exposição em um museu, fábricas, passeios, excursões e viagens. Nesse contexto o professor deve considerar uma metodologia específica de trabalho que envolvam direto com as fontes de informações documentais.

A partir de agora trataremos sobre o estudo de geografia de acordo com o estudo proposto nos Parâmetros Curriculares nacionais.

### **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE GEOGRAFIA**

As primeiras tendências da Geografia no Brasil, nasceram com a fundação da faculdade de filosofia da Universidade de São Paulo e do departamento de Geografia, a partir da década de 40, a disciplina de Geografia passou a ser incorporada no currículo escolar (ensinada por professores licenciados) com forte influência da escola francesa de “VIDAL LABLANCHE”.

Essa Geografia tinha uma roupagem de ciência asséptica, não politizado. Tinha como meta abordar as relações do homem com a natureza de forma objetiva, buscando a formulação de leis gerais, interpretação. Essa tendência foi chamada de Geografia Tradicional.

Apesar de valorizar o papel do homem como sujeito histórico, propunha-se a estudar a relação homem natureza sem priorizar as relações sociais, num processo de descrição e memorização.

No período pós-guerra, com o avanço das modificações estruturais do espaço urbano, conseqüentemente, as atividades agrícolas sofreram grandes influências da mecanização e dos grandes projetos. Nesse caso era preciso realizar estudos voltados, para análise das relações mundiais e também da nova ordem econômica, política e ideológica. Assim a Geografia tradicional tornou-se insuficiente para explicar essa complexidade

A partir dos anos 60, com a influência marxista, surge uma tendência crítica a geografia tradicional, cujo o foco de preocupações passa a ser as relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico.

A nova perspectiva considera que não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo, assim a geografia ganha conteúdos políticos que são significativos na formação do cidadão. Tanto a geografia tradicional quanto a marxista ortodoxa, negligenciaram a relação do homem e da sociedade com a natureza, na sua percepção sensível do mundo: o positivismo da geografia tradicional, nega um conhecimento que passa pela subjetividade; o marxismo ortodoxo taxa de idealismo alienante qualquer explicação subjetiva e afetiva da relação da sociedade com a natureza.

Na última década um novo estudo sobre a geografia, vem sendo realizado. E a busca da pluralidade pela geografia com outros campos do saber buscam uma geografia, que não seja apenas centrada na descrição empírica das paisagens, tão pouco pautada exclusivamente na interpretação política e econômica do mundo.

Análise feita pela Fundação Carlos Chagas, detectou que nas últimas décadas o estudo da geografia apresentou problemas tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos com outros referente a escolha dos conteúdos. Tais como: o abandono de conteúdos fundamentais de geografia, tais como as categorias de nação território, lugar, paisagem e até mesmo de espaço geográfico; o modismo, que busca a sensibilizar os alunos para temas atuais, sem a preocupação real de promover uma compensação dos múltiplos fatores que deles são causas decorrentes; separação da geografia física da geografia humana, em relação aquilo que deve ser aprendido como conteúdos específicos; a memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino da geografia; a noção de escola muitas vezes não é clara.

Tais conteúdos são indispensáveis para que o aluno entenda a realidade de uma maneira mais ampla possibilitando a compreensão e a interferência nessa realidade.

## **CONHECIMENTO GEOGRÁFICO**

### **CARACTERÍSTICA E IMPORTÂNCIA SOCIAL.**

A geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humana e o funcionamento da natureza, por meio da leitura e espaço geográfico. A divisão da geografia em campos da sociedade e da natureza, tem aprofundado o estudo de seus objetos de estudo: a geografia que busca explicar as relações entre a sociedade e a natureza como ocorre a apropriação desta por aquela; a geografia que busca a trabalhar com diferenças espaciais e temporais, bem como os fenômenos sociais, culturais e naturais.

UNIFESSPA  
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES  
UNIFESSPA

Nessa perspectiva, a historicidade enfoca o homem como sujeito construtor do espaço geográfico. O homem social e cultural, situado para além das perspectivas econômicas e política imprime seus valores no processo de construção do seu espaço.

No mundo atual, o meio técnico científico informacional adquiriu um papel fundamental e em meio ao processo de globalização e massificação, o mundo convive com novos conflitos e tensões, tais como: o declínio dos estados-nações, a formação de blocos comerciais, as novas políticas econômicas e outros temas recuperam a importância específica do saber geográfico a fim de possibilitar o aluno a compreensão da evolução e das relações sofridas pela sociedade e natureza agindo de forma consciente e atuante.

## **2 APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Independentemente da perspectiva geográfica, a maneira mais comum de ensinar a geografia tem sido pelo discurso do professor, ou pelo livro didático. Esse discurso sempre parte de alguma noção ou conceito chave sobre algum fenômeno social; para tanto, o estudo da sociedade e da natureza, deve ser realizado de forma conjunta. No ensino, professores e alunos deverão procurar entender de forma conjunta sociedade e natureza. É necessário que o professor planeje situações nas quais os alunos passam a conhecer e utilizar esse procedimento.

Estudar a paisagem local ao longo do primeiro ciclo, é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que as define. Tal abordagem deve favorecer ao aluno a compreensão de que ele próprio é integrante do ambiente e também agente ativo e passivo das transformações.

## **2.1 OBJETIVOS GERAIS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.**

- conhecer organização do espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações;
- identificar e avaliar as ações do homem em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos;
- compreender a espacialidade e temporalidade do fenômeno geográfico;
- compreender que as melhorias das condições de vida, por direitos políticos, e os avanços técnico, tecnológicos e informações socioculturais, são conquistas decorrentes de conflitos;
- conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da geografia para compreender as relações e contradições;
- saber utilizar a linguagem cartográfica;
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade.

## **2.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE CONTEÚDOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Os conteúdos a serem trabalhados deverão ser selecionados a partir de algumas categorias consideradas essenciais: espaço geográfico, paisagem, território e lugar sintetizam aspectos da organização espacial e possibilitam a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços e tempos. Tais conteúdos possibilitam aos alunos maior compreensão, no sentido de relacionar as diversidades sociais, políticas e culturais em diferentes espaços e tempos.

## **2.3 ENSINO E APREDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO PRIMEIRO CICLO**

Os conteúdos proposto para o primeiro ciclo correspondem aos estudos de 1ª e 2ª série.

No primeiro ciclo o estudo da geografia, deve abordar principalmente questões relativas às ações dos indivíduos, dos grupos sociais e de forma geral a sociedade na construção do espaço geográfico. Para isso é fundamental que o professor conheça quais são as idéias e os conhecimentos dos alunos sobre o lugar em que vivem, sobre outros lugares e a relação entre eles. Também é importante que os alunos conheçam alguns procedimentos que fazem parte dos métodos de operar a geografia, tais como: observação, descrição, representação e construção de explicações. Assim os alunos estando em processo de alfabetização, fontes escritas devem estar presentes no estudos realizados.

No início do processo de construção da linguagem cartográfica, acontece o trabalho com a produção e leitura de mapas simples em situações significativas. Além disso, a interface com a história é essencial. A geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais distintos da história, embora não possa construir a interpretação de uma paisagem sem buscar sua historicidade.

### **2.3.1 OBJETIVOS DE GEOGRAFIA PARA O PRIMEIRO CICLO**

No primeiro ciclo a proposta diz que o aluno deverá:

- reconhecer na paisagem local e no lugar em que se encontra inserido as diferentes manifestações da natureza;

- conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com outras presentes em outras paisagens;
- reconhecer semelhanças e diferenças nos diferentes grupos sociais que se apropriam da natureza e a transformam;
- saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta das paisagens;
- reconhecer no seu cotidiano, os referenciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia;
- reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidados com o meio em que vivem;

#### **2.4 BLOCOS TEMÁTICOS E CONTEÚDOS: estudo da paisagem local.**

Configuram como sugestões e não devem ser compreendidos com sequência de assuntos a serem apreendidos. O professor pode trabalhar com mais de um bloco ao mesmo tempo reunidos no estudo da paisagem local de forma a não trabalhar blocos isolados.

#### **2.5 TUDO É NATUREZA**

A principal noção a ser trabalhada por este tema é a presença da natureza em que está visível ou não a paisagem local. Por meios de observação, descrição os aluno podem reconhecer seus hábitos cotidianos relacionando seu bairro, cidades ou atividades econômicas sociais e culturais com outras que tenham contatos diretos ou indiretamente.

Outro tema que vem em destaque no parâmetro, é **a conservação do ambiente**. Este tema proporciona a compreensão das diferentes relações que indivíduos, grupos sociais e sociedades estabelecem com a natureza no dia-a-dia. Por meio de problematizações de situações vividas no lugar no qual os alunos se encontram inseridos. Pode-se discutir o comportamento social e suas relações com a natureza. Devem ser estudado o modo de produzir e fazer o cotidiano.

### **2.5.1 TRANSFORMANDO A NATUREZA: diferentes paisagens**

Este tema proporciona um estudo sobre os motivos, as técnicas e as consequências da transformação e de uso da natureza. Podendo também ser integrado com história e relacionados às diferentes paisagens, diferentes grupos sociais e suas formas de relações sociais, políticas e culturais, enfatizando as várias formas de relações do homem e sociedade com a natureza.

Um outro tema considerado importante a ser trabalhado é **o lugar e a paisagem**, que vem para tratar das relações mais individuais dos alunos com o lugar onde vivem. Quais foram as razões que os fizeram a morar ali. Discutir também as condições básicas de moradia, saúde, habitação e nomes dos lugares. Para isso segue uma lista, de modo a destacar suas dimensões:

- observação e descrição de diferentes formas pelas quais a natureza se apresenta na paisagem local;
- identificação de motivos e técnicas pelos quais sua coletividade e a sociedade de forma geral transforma a natureza;
- conhecimento das relações entre as pessoas e o lugar;

- identificação da situação ambiental de sua localidade;
- produção de mapas ou roteiros simples considerando características da linguagem cartográfica como relações de distância, direção e o sistema de cores e legendas;
- leitura inicial de mapas políticos, atlas e globos terrestres;
- valorização de formas não-predatórias de exploração, transformação e uso dos recursos naturais.

## **2.6 ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO SEGUNDO CICLO**

Os estudos proposto para o segundo ciclo correspondem aos ensinos de 3ª e 4ª série.

Nesse período o estudo da geografia deve abordar principalmente as diferentes relações entre as cidades e o campo em suas dimensões sociais, culturais e ambientais. O objetivo central é que os alunos construam conhecimentos a respeito das categorias de paisagens urbanas e rurais como foram constituídas ao longo dos tempos. Além de aprofundar os conhecimentos iniciados sendo que os alunos já dominam as noções básicas da leitura e da escrita.

### **2.6.1 OBJETIVO DE GEOGRAFIA PARA O SEGUNDO CICLO**

No segundo ciclo a proposta diz que o aluno deverá:

- reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras;

- reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida entre cidade e campo;
- conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais e como se relacionam;
- reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;
- saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação;
- adotar uma atitude de relação com o meio ambiente; conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais e como eles se relacionam.

## **2.7 BLOCOS TEMÁTICOS E CONTEÚDOS: As paisagens urbanas e rurais suas características e relações.**

O professor pode aqui, também como no primeiro ciclo trabalhar com um ou mais blocos ao mesmo tempo, reunidos no estudo das paisagens urbanas e rurais. É importante também ressaltar **o papel das tecnologias**, na construção de paisagens rurais e urbanas. Pois elas estão diretamente relacionadas ao processo de modificação das cidades e nos campos e nas suas formas, nas suas organizações. É necessário entender quem são os atores sociais que definem quais e como se utilizam as tecnologias e quem sofre os prejuízos e seu uso indevido.

## **2.8 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO**

Busca o estudo da história dos meios de comunicação, sua criação e seu significado social. Uma abordagem crítica, analisando a descaracterização que os meios de comunicação podem ocasionar no mundo, no cotidiano das pessoas principalmente no comportamento, na fala e no consumo. Para compreensão mais ampla deste tema, é necessário analisá-lo a partir das diferenças entre os meios de comunicação, sua influência no mundo rural e urbano.

### **2.8.1 DISTÂNCIA E VELOCIDADE NO MUNDO URBANO E RURAL**

Busca esclarecimento a respeito dos transportes e sua influência na vida em sociedade e as alterações que imprimem nas paisagens. Nesse sentido, é necessário estudar o trânsito, acidentes, saúde ambiental e ainda os combustíveis utilizados pelos transportes.

### **2.8.2 URBANO E RURAL: MODOS DE VIDA**

É importante lembrar, que os mundos urbanos e rurais não devem ser focados sem seus sujeitos: os grupos sociais e os que neles habitam, devem ser abordados. Pois embora os grupos habitam o mesmo espaço não podemos caracterizar de forma homogênea as condições de vida de uma determinada população, pois, as contradições sociais estão presentes na zona rural, tanto quanto na área urbana no presente e no passado.

Os critérios de avaliação seguem correspondente aos conteúdos propostos, tanto no primeiro quanto no segundo ciclo.

Vimos, portanto, os estudos e objetivos pretendidos no PCN, tanto para primeiro ciclo como para o segundo, nas disciplinas de história e geografia. E todo instante percebe-se uma ênfase no interacionismo aluno/realidade, o que seria sem dúvida um grande avanço para ensino nessas áreas, se não fosse a carência de recursos na grande maioria das escolas para se construir esse conhecimento.

A seguir faremos uma abordagem entre duas formas de se tratar a realidade. Uma sob os moldes do ensino tradicional outra enfatizando os aspectos de interpretação.

## **2.9 QUE ENTENDEMOS POR ESTUDO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

Entre seus objetivos, a história e geografia, têm em última instância o conhecimento da realidade social, cultural, histórica e política em que vive aluno. Portanto, são áreas de estudos, que tem potencialmente uma grande responsabilidade na formação de atitude dos envolvidos - professor e alunos. A maneira como o professor trabalha, explora e discute os elementos dessa realidade com os alunos, interfere na sua maneira de analisá-la e posicionar-se diante dela.

É necessário frisarmos que os dados da realidade podem ser abordados de duas maneiras: uma de maneira estática e fragmentada, sem que haja interação entre os elementos dessa realidade; a outra de forma dinâmica e interrelacionada com todos os elementos com os quais estão envolvidos.

A primeira abordagem, está centrada na descrição e numeração dos fatos e elementos da realidade.

A segunda abordagem, tem a preocupação de estar sempre voltada para a explicação, portanto o estudo centra-se nas relações entre os dados da realidade e as transformações que essa realidade vem passando em seu processo de evolução.

### **2.9.1 O QUE NÃO DEVE SER ESTUDADO NESSA ÁREA**

É comum observarmos nos livros didáticos do ensino fundamental, análise de uma realidade muito contraditória como essa do livro de terceira série do ensino fundamental:

“Riquezas do litoral ( conversa entre o peixe e o arroz).

Arroz - Se há tanto peixe no litoral, porque a população é tão pobre?

Peixe - É porque os habitantes pescam do modo primitivo. Não tem aparelhamento próprio e a pesca não está industrializada.

O texto transmite uma visão incompleta da questão: o verdadeiro problema não é este, apesar de ele existir, mais sim as relações de trabalho que se estabelecem entre o pescador, intermediário, distribuidor e consumidor. Será que o problema estaria resolvido se os pescadores tivessem meios mais modernos e eficazes para pescar, mais fossem um atravessador, por exemplo? Um outro fato que menciona como positivo que deve ser alcançado a modernização da pesca, sem mencionar outros aspectos que geralmente estão associados, a essa questão, como a pesca indiscriminada de diferentes espécies, a extinção delas, poluição ambiental.”

## PARALELO ENTRE LIVROS DAS SÉRIES INICIAIS E OS PARÂMETROS CURRICULARES DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Para refletirmos sobre o processo de transformação na proposta curricular, vamos analisar alguns livros didáticos das séries iniciais tradicionais, ressaltando que os mesmos representam o único material didático que servem de apoio aos professores nessas séries. O conhecimento dessas áreas tem se dado ao longo do tempo nestes livros didáticos como algo pronto e acabado, portanto, inquestionáveis e para serem transmitidos por quem sabe e ser memorizado por quem quer aprender. No caso da geografia, esta limitada apenas à descrição física dos fenômenos sem relação com o espaço e tempo e até mesmo fora das relações humanas. A História por exemplo, resume-se em fatos históricos ocorridos em um passe de mágica, como se fossem algo estático, da obra de alguns heróis.

A exemplo da Geografia descritiva, podemos observar no livro “Eu gosto de Estudos Sociais”, de terceira e quarta série, que descreve o país dessa forma: *“O Brasil está dividido em Estados. São 26 Estados e um Distrito Federal. No Distrito Federal, fica Brasília, a capital do país, sede do governo brasileiro.*

*Quem governa o país é o presidente da República. O regime de governo no Brasil é a democracia, isto é, o governo do povo.”*

Neste caso, o livro didático não está enfatizando um aspecto questionador, pelo contrário, nem aborda. São temas descritos com frases soltas, que não tangem os conflitos políticos existentes no contexto democrático, bem como as questões sociais. Passando a idéia de um governo do povo, é para o povo, mas que povo? Se as decisões administrativas do governo atendem os mais diversos interesses de uma minoria, enquanto o povo, que representa realmente a grande maioria, fica a deriva das circunstâncias. Além disso, seria

interessante falar de democracia se o cenário social e político representasse, de fato, o que realmente esse regime propõe.

O livro continua seu texto, fazendo uma descrição da paisagem natural, por série: Relevo; Hidrografia; Clima; Vegetação, uma após a outra sem evidenciar a interação existente entre ambas, sendo que a ação humana também fica esquecida na transformação dessa paisagem.

As regiões brasileiras também são estudadas sem nenhum vínculo de ligação e de forma isolada, onde sempre se destaca a região sudeste, pelo fato, de ser a indústria de transformação a principal atividade econômica, e enfatiza São Paulo como o maior parque industrial de América do Sul, evidenciando também que a região sudeste é a mais populosa do Brasil. As outras regiões são tratadas somente pelas suas principais atividades, como: o extrativismo; pesca; produção agrícola e pecuária. Assim o livro passa a idéia que a indústria sempre irá sobrepor às atividades manuais.

Bem, diante do cenário educacional atual que trata a situação geopolíticossocial do País através dos conteúdos de história e geografia, ostensivamente trabalhado no ensino tradicional, estão longe de representar as reais clarividências do contexto como um todo. Aí, surge o PCN de história e geografia com uma proposta, até inovadora para essa situação, pois sua proposta avança quando defende que o estudo de geografia busque a explicar e compreender as relações entre sociedade e natureza, trabalhando com situações de espaço e tempo; evidenciando os fenômenos sociais, culturais e naturais, como uma interdependência à paisagem, para facilitar a compreensão do processo de constituição do fenômeno.

No Parâmetro, a sociedade e a natureza são trabalhados como fatores indissociáveis, A paisagem local relacionada a outras paisagens e a ação humana é o fator principal na modificação do processo. Neste caso, o aluno percebe-se inserido como sujeito ativo no processo de transformação do espaço geográfico. Assim, a proposta de Geografia, do PCN, busca observar o mesmo fenômeno sob diferentes aspectos, de modo que os alunos elabore e construa seus conhecimentos.

Já o ensino de História tratado nos livros didáticos das séries iniciais, evidenciam os fatos históricos como um passe de mágica, desde as grandes navegações até a proclamação da República. Desta forma, cria-se a idéia que a história foi feita por homens, e que todos os acontecimentos ao longo desse período foram produzidos por heróis. E aí novamente o PCN surpreende, quando propõe que: “os conteúdos de história enfoquem as diferentes história que compõem as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e espaços, contemplando diálogos entre o presente e o passado e os locais, nacionais e mundiais.

É importante que os alunos dimensionem suas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que vivenciam, enriquecendo seu repertório histórico com informações de outras localidades, para que possa compreender que seu espaço circundante estabelece diferentes relações locais, regionais, nacionais e mundiais”. “(...) A proposta é que os estudos de história possibilitem atitudes críticas e reflexivas expondo as permanência, as mudanças, as diferenças e semelhanças coletivas (...). As vivências contemporâneas concretiza-se a partir das múltiplas relações temporais, espaciais tanto no dia a dia individual, familiar, como na coletividade. Assim a proposta é que os estudos sejam disparados a partir das realidades locais , ganham dimensões históricas e as parciais múltiplas e retornem ao local, na

perspectiva de desvendá-lo, de desconstruí-lo e de reconstruí-lo em dimensões mais complexas”.

Portanto cabe ao professor, ajudar as crianças: ver e compreender a realidade; expressar a realidade e expressar-se; descobrir e assumir responsabilidade de ser um elemento de mudança na realidade.

Isto se fundamenta numa visão do ser humano como ser histórico, que se realiza no tempo. Crescer, significa ir se localizando com lucidez no tempo e nas circunstâncias em que vive, para chegar a ser verdadeiramente um ser humano, isto é; indivíduo capaz de criar e transformar a realidade em comunhão com seu semelhante.

Desta forma, vale ressaltar que a nossa intenção não é a de condenar o livro didático e nem exaltar os parâmetros; pelo contrário, estamos propondo uma reflexão sobre ambos, pois se os livros didáticos estão impregnados de ideologias dominantes centralizadas, a proposta do parâmetro abre um espaço para a construção do ser histórico. Porém a política educacional é tão negligente que preocupa em elaborar uma proposta inovadora e dinâmica, porém relegando o que seria fundamental para executá-la, que são as condições físicas materiais e mais importante, a formação humana.

Queremos enfatizar que a implantação dos PCN's de um modo geral é uma iniciativa do governo federal engajado numa política neoliberal que através do MEC procura fazer uma transformação na educação nacional, com o discurso de qualidade na educação, partindo da constatação de que o problema da educação fundamental no Brasil se evidencia pela grande insatisfação com o trabalho realizado nas escolas: repetência sucessiva; formação precária dos alunos; desinteresse pelo trabalho escolar e outros transtornos educacionais que na verdade são

responsabilidades do próprio Estado. Assim justifica-se, segundo esse projeto educacional, a implantação dos PCN's como solução para todos esses problemas.

O discurso posto é que o PCN é adaptável a qualquer região, mas as evidências demonstram que o currículo está estruturado sob uma ótica que manifesta o ideal de uma cultura comum a nível nacional, sem levar em consideração as diversidades culturais existente a níveis regionais, e nessas circunstâncias, como trabalhar o PCN de história e geografia nas séries iniciais associando a realidade de Parauapebas? Sua execução viabilizará a construção do conhecimento, mesmo com as escolas desprovidas de recursos essenciais para esse processo, como sugere o PCN? Além disso, o tratamento teórico dos conteúdos está elaborado numa linguagem culta, pouca acessível ao professor do ensino fundamental, isto porque, a maioria dos professores de Parauapebas tem saído de um magistério fraco, que não lhe possibilitou uma leitura ampla do conhecimento produzido, uma vez que este foi estruturado de forma fragmentada e desconexa à realidade que o cerca.

A metodologia requerida, para que se estabeleça o processo de ensino aprendizagem, segundo critérios do PCN, faz-se necessário um comprometimento do professor no sentido de operacionalizar os conteúdos expressos, engajados numa perspectiva de objetivos a serem alcançados, ou seja, traçados as diretrizes explícitas no PCN, cabe ao professor a responsabilidade de concretizar tais objetivos. Mas qual é o professor de Parauapebas que se encontra preparado para desenvolver dentro de sua sala de aula uma prática educativa voltada para o ensino de história e geografia, se sua realidade perpassa por elementos totalmente desvinculada do que propõe o PCN? Como o professor poderia se comprometer com objetivos e metodologias de cuja definição não participou, os quais foram pensados para ele, e o que é mais grave, sem ele ?

O que se evidencia diante das políticas educacionais estabelecidas é uma reformulação do ensino no sentido de equalizar o conhecimento, porém para que se estabeleça essa proposta de ensino, o governo deveria antes criar pelo menos mecanismo de equalização social.

“... a grande ilusão está em supor que todos os educandos - pretos e brancos, classe operária, pobres, classe média, meninos e meninas - receberão o currículo da mesma maneira. Na verdade ele será lido de diferentes modos, de acordo com a posição desses educandos nas relações sociais e na cultura.” (Apple, 1994:76)

O parâmetro se dirige aos professores de forma homogênea, como se todos fossem formados com o nível superior e tivessem muito tempo disponível para se dedicarem a tantas tarefas que lhe são exigidas. Quanto as orientações contidas, de forma geral são aproveitáveis, só é lamentável não se ter pensado em um tempo para capacitação dos professores. E quanto a sugestão de se trabalhar as disciplinas de história e geografia a partir de sua problematização é superpositivo, se o professor tiver condições e preparo para praticar o que lhe é solicitado.

De forma geral o parâmetro está bem fundamentado, no sentido de ampliar nosso conhecimento sobre as referidas disciplinas e sua importância no ensino fundamental. Com tudo, para discutir qualquer parâmetro curricular, inclusive o de história e geografia, implica em concepção pedagógica sobre ensino aprendizagem, qualificação profissional, posicionamento político do professor e comunidade escolar, estruturação física, técnico-administrativa e finalmente responsabilidade sobre todo processo educacional.

Mediante este fato, o Ministro da Educação e do Desporto - Paulo Renato de Souza, foi cuidadoso ao se dirigir aos profissionais da educação, afirmando que os mesmos:

“Foram elaborados de modo a servir de referencial para seu trabalho, respeitando a sua concepção pedagógica própria e a pluralidade cultural brasileira. Note que eles são abertos e flexíveis, podendo ser adaptados à realidade de cada região”. (PCN, História e Geografia:05)

Concordamos com o Ministro quanto a abertura e flexibilidade, se não existisse uma avaliação nacional padronizada, conforme os grupos que irão controlar anualmente, se os Parâmetros estão produzindo o efeito objetivado pelo governo ou não. Então que abertura é essa que permite andar, mas sempre chegar num mesmo ponto? Porque o direcionamento em torno de um mesmo eixo? Na verdade sob a égide da social democracia o governo mascara suas intenções de entregar a educação ao mercado de trabalho, incluída nessa entrega a administração da mesma. Vale ainda ressaltar que o sucesso ou fracasso da escola será divulgado a partir de um Sistema de Avaliação da Educação Básica.

“O objetivo não é o de avaliar alunos individualmente, (...) mas sim conhecer o rendimento da escola através de testes individuais. Quem faz a prova é o aluno, mas quem está sendo avaliado é a escola” (Instituto Herbert Lewy, 1993:49).

Voltamos, portanto a interrogação inicial desse trabalho, realidade ou utopia? Embora esta proposta aqui analisada, mesmo que tenha pressa, ela vai ter que se contentar com poucos resultados imediatos, pois a história é sequenciada, processual, não podemos, por mais que nos

esforcemos a mudar algo que não possuímos sua dimensionalidade. Mesmo porque a política educacional em curso, não condiz com a realidade atual.

“Fica ainda uma pergunta final, (...) uma vez que os esforços para “reformular” nosso sistema educacional, bem como suas políticas e práticas de currículo, de ensino e de avaliação, são em grande parte liderados pela coalizão direitista, precisamos sempre perguntar: De quem são essas reformas ? e Quem ganhará com elas?”. (Moreira,R.F e Silva, T.T,1994:80).

### **CAPÍTULO III**

#### **PCN DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA E O ENSINO DAS DISCIPLINAS NO MUNICÍPIO DE PARAUPEBAS**

Com essa preocupação iniciamos uma observação nas salas das séries iniciais do ensino fundamental, e nos magistérios com alunos do terceiro ano, onde observamos a maior carência na área de história e geografia que durante 5 dias observamos as aulas em uma escola com paredes de madeira e telhas de amianto, contendo 4 salas contendo dois ventiladores de teto e duas lâmpadas fluorescente de quarenta Wats, das quais apenas uma funcionava. A secretaria funciona também como biblioteca, um banheiro masculino e um feminino, ao lado possui um corredor que dá entrada para as salas

Quanto as salas de aulas, medem aproximadamente trinta metros quadrados, contendo trinta e duas carteiras organizadas de forma enfileiradas. A localização da sala é no sentido leste/oeste, frente/fundo, respectivamente com duas janelas ao fundo, onde ao raios solares batem fortes e diretamente, ao cair da tarde.

Inicia-se a aula, a professora logo distribui livros para que os alunos realizem uma atividade individual de pesquisa no próprio livro. Nessa atividade os alunos deveriam resolver os exercícios do próprio livro copiando em papel chamex, os quais no primeiro momento demonstram interesse, mas uma média de 80% dos alunos não tinha clareza no que deveriam fazer. Com isso a professora é chamada para explicar a atividade por todos os alunos individualmente, causando um pouco de irritação para a professora, que espera o término das atividade ansiosa, e demonstra uma personalidade forte, bem como, mantém o domínio total da turma.

A medida em que cada aluno ia terminando as atividades, a professora distribuía revistas em quadrinhos para fazerem uma leitura silenciosa, e exigia que os alunos ficassem sentados em suas carteiras. Logo chegou a hora do recreio.

Após o intervalo, a professora distribuiu atividades de matemática, a qual deveria ser resolvida individualmente, fazendo as seguintes observações: *“A atividade deverá ser individualmente, sem pesquisas, já dei uma atividade igual a essa no caderno, mais de uma vez”*. Em seguida entrega as atividade e faz a chamada.

Os alunos começam a questionar que o assunto não foi trabalhado em sala, a professora reclama que os alunos prestam mais atenção em futebol, por isso não entenderam o conteúdo, demonstrando uma certa apatia por futebol, quando fala : *“Se fosse sobre futebol vocês saberiam tudo; pergunte sobre o Flamengo e jogadores de times, que vocês sabem né ?”* Em seguida faz uma dinâmica com a tabuada, dividindo a sala em dois grupos, fazendo um desenho com giz em forma de degraus, e a medida em que fazia uma pergunta o grupo que primeiro respondesse, passaria um degrau e o que chegasse primeiro no último degrau seria vencedor.

No segundo dia de observação, a professora fez a apresentação do grupo aos alunos, alegando que no dia anterior havia esquecido. Em seguida ela faz uma alerta para turma, no sentido de chamar a atenção para os estudos; a importância para a vida independente, dando exemplo do próprio trabalho. Outro aspecto, que ela faz questão de frisar bem, é que os alunos já estão na quarta série e no próximo ano os alunos estarão cursando a quinta série, e a realidade será bem diferente.

Após essa reflexão, a professora entrega uma folha de papel em branco, para que os alunos escreva sobre seus idéias enquanto estudante (*o que querem, o que pensam sobre*

*o estudo e por que estão estudando*). No término das atividades ela propõe o bingo de palavras, onde são trabalhadas palavras com ( c ) ou ( ç ) , os próprios alunos escolhem o prêmio do vencedor. Ao final a turma aponta o aluno Alexandre como o vencedor. Porém depois de concluída a atividade foi anulada a pedido da turma que alegavam que o aluno Neni havia marcado todas as palavras e bateu o bingo.

O barulho na área externa é muito grande, pois não tem uma área que seja afastada das salas e alguns alunos corriam pelo corredor enquanto as outras salas faziam atividades extra-classe. Após o intervalo, dá-se continuidade fazendo o ditado das palavras, do bingo anterior. Em seguida a professora escolhe um aluno para ir escrever no quadro a primeira palavra que ela ditou. Terminando essa atividade, inicia-se outra que sendo atividade de matemática, a professora exige mais a atenção para resolver problemas envolvendo adição e subtração. A professora faz a leitura em voz alta, dando ênfase as palavras que indicam as operações a serem resolvidas. Todos sentados e a professora fica andando entre as filas de carteira, chama a atenção daqueles que estão conversando. A medida em que cada aluno vai terminando entrega sua atividade, a professora faz a correção enquanto todos esperam sentados.

No terceiro dia de observação, a professora pede que os alunos deixem as atividades de matemática do dia anterior sobre as carteiras, para recolher. Recolhe as atividades e começa uma outra atividade, onde ela escreve várias palavras no quadro, para que os alunos possam escrever frases, pede também que não escrevam frases bobas. Em seguida faz chamada.

A medida em que os alunos terminam as atividades, ela vai corrigindo, sentada, e os aluno que estão demorando, ela começa a cobrar e logo termina. Distribui um texto e

explica: *“Pessoal, eu vou distribuir esse texto e no primeiro momento vocês vão ler tá.. Depois vou distribuir a turma em quatro grupos”*.

Em seguida fez a leitura do texto em voz alta e explicou: *“formem quatro grupos a critério de vocês, os quais deverão apresentar em forma de dramatização”*. Os alunos saem da sala, vão para uma pequena área e a professora acompanha os trabalhos dos grupos na formação das dramatizações. No retorno para a sala, ela organiza as carteiras em círculo, juntos com os alunos e faz sorteio para a ordem das apresentações.

Após as apresentações a professora comenta: *“Todos os grupos apresentaram maravilhosamente bem. Excelente. É certo que teve grupo que apresentou melhor do que outros, mas é assim mesmo, só tenho uma reclamação a fazer, no momento da apresentação dos colegas, existiam pessoas conversando. Onde está o respeito de vocês pelos colegas de vocês? Quanto as apresentações eu gostei”*. Continuaram com o comentário do texto. Onde os alunos relacionaram com o cotidiano. A professora ao término de cada dinâmica dá uma alerta: *“Pessoal, cuidado, vocês vão pegar no pesado: no chão, na enxada e na roupa”*. Esse dia a aula terminou mais cedo por causa do planejamento.

No dia seguinte, a professora divide a turma em três grupos, e distribuiu uma folha de papel em branco, e para dois grupos ele distribuiu matrizes com desenhos de índios, objetos indígenas e árvores e para o outro grupo distribuiu recortes com letras do alfabeto, para que os alunos pintassem. Ela vai aos grupos e explica: *“um grupo cola várias folhas de papel em branco, formando um quadro, em seguida os outros vão colando as figuras e as letras pintadas e recortadas pelo outro grupo”*.

A professora dispensa a maioria dos alunos e fica com alguns alunos para dar aulas de reforço.

Em todos os dias de observação, presenciamos apenas uma aula que estava voltada para o lado de estudos sociais, sendo porque se comemorava o dia dos índios.

Para evidenciar as questões levantadas em nosso trabalho, acerca dos problemas referente a implantação dos PCN's de história e geografia na educação de Parauebas, realizemos várias entrevistas com diversos professores da área em diferentes escolas, e constatamos em seus relatos um certo receio ao externar as veracidades dos fatos existentes no meio educacional de Parauebas, assim a maioria optou pela preservação de sua identidade pessoal não revelando seu nomes, alegando possíveis perseguições políticas.

Quando perguntamos a um professor . O que é currículo pra você?

*“O currículo escolar, a secretaria de educação manda pras escolas o currículo com as matérias especificadas pra escola seguir, por exemplo, a escola não é obrigada a seguir, cabe a escola tirar ou acrescentar o que trabalhar, conforme as necessidades. Nós temos que especificar e introduzir na sala de aula junto aos nossos alunos, os determinados assuntos, tópicos, cada região precisa selecionar seu currículo de acordo com suas necessidades.”*

Como o professor trabalha o currículo de história e geografia?

*“Em primeiro lugar, o currículo de história e geografia, continua sendo trabalhado como tem sido ao longo desses últimos trintas anos, pois sabemos que embora há uma proposta de mudança com referência ao que se*

*diz dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que pra gente aqui em Parauapebas que nos encontramos sem qualquer tipo de material, sendo que o professor ganha 225,00 e se quiser trabalhar com o mapa do município, deve tirar do seu bolso, e mandar fazer um mapa que custa em média uns 80,00, se não me engana, pois em nenhuma escola tem o mapa do município. E sem qualquer condições de trabalho. Eu não trabalho e creio que todos os professores também não trabalham, porque os únicos materiais que temos e em muitas escolas em péssimas condições é apenas quadro e giz, que até apagador se o professor quiser usar, terá que comprar. Mais com razão, o nosso município é muito pobre, sendo o segundo município mais rico do Pará. Quanto a história, continua sendo a história dos heróis, com desfile, uma onde são apresentados as belezas e proibidos de apresentar a realidade”.*

O que você pensa da história como disciplina e sua contribuição para a sociedade?

*“Como uma disciplina que registra os acontecimentos e todo um processo e devido a isso ela é uma disciplina de fundamental importância para ser social. Apesar de que eu não estou trabalhando diretamente com esta disciplina, mais trabalho indiretamente no ensino fundamental”.*

O que você pensa da Geografia enquanto disciplina e sua contribuição para a sociedade?

*“A Geografia é de muito importância para a sociedade, porque a geografia ela não é mais aquela coisa do passado que era só decoreba, ela envolve as relações sociais das pessoas com o meio social em que vive.”*

Sabemos que os PCN's é uma proposta a ser trabalhada. Mas que será cobrada pelo SAEB. O que a escola tem feito, ou pretende fazer para a aplicabilidade do PCN de história e geografia após 01 ano que ele está disponível ?

*“O que tem feito? Nada. Agora o que planeja fazer, é promover mini-cursos, especialmente na área, principalmente com professores de terceira a quarta série, e também com o dinheiro do FNDE, promover cursos para professores, isso com a união de duas escolas: Plácido de Castro e Carlos Drummond de Andrade. Estamos pensando é quem trazer para dar esse curso, sendo que será palestra para discutir todos os PCN's.*

*Quanto o de estudo sociais, é muito difícil, pois falta mapas, recursos, não tem vídeo, pois o vídeo foi roubado a mais de 07 meses e ninguém providencia outro. A impressão que dar é que diretor não tá nem aí. De toda forma é difícil, por exemplo, temos um projeto para visitar Carajás, que a mais de três meses está sendo marcado e remarcado, só agora é que parece que vai sair. Estava marcado para o dia 12, porém já foi adiado para o dia 16, barrado na burocracia para liberação da visita”.*

Para que um professor possa desenvolver um processo de ensino aprendizagem como sugere o PCN, faz-se necessário disponibilidade de tempo para preparação das aulas além dos recursos e fontes de pesquisas que venham possibilitar ao aluno estabelecer comparações entre as diversas fontes de informações e a partir daí elaborar seus próprios conhecimentos identificando os elementos de interdependência de sua problemática local, associando-a no tempo e no espaço, partindo do seu cotidiano. Concordamos com o depoimento acima, pelo fato de que as pessoas que mais sofrem com a falta de recursos, estão diretamente expostos as críticas e não tem poder nem recursos financeiros para contornar essa situação, pois sabemos que a política educacional recorre aos meio de comunicação de massa para divulgar à população que as escolas encontram-se preparadas para assumir com autonomia todas as responsabilidades da ensino. Sabemos também que a política governamental de descentralização transfere para a escola essas responsabilidades, eximindo o Estado de suas funções administrativas sem melhorar e ampliar as condições de trabalho, porém dando margem aos meios de comunicação transmitir uma pseudodemocracia e fomentando na sociedade uma maior necessidade de fiscalização e cobrança pela qualidade do ensino. Assim o depoimento acima reflete a situação atual das escolas de Parauapebas, as quais, são um reflexo da maioria das escolas nacionais.

Evidencia-se no depoimento, uma necessidade de criar condições para formação dos educadores no sentido de ampliar seus conhecimentos para uma melhor compreensão dos conteúdos expostos nos PCN's, assim fica claro mais uma vez que o nível de conhecimento exigido para operacionalizar tais conteúdos que foram elaborados por uma minoria detentora do conhecimento, não esta adequado nem atende os anseios da maioria que vai operacionalizá-los. Vale ressaltar que não somos contra a proposta do PCN, mas

queremos deixar claro que a política de implantação transfigura-se numa política de imposição, dada as circunstâncias de como foi posto na educação esses “pacotes” de conhecimentos elaborados por uma elite, sem a participação da maioria, responsável pela sua execução. Isso é trágico para o ensino, principalmente aqui em Parauapebas, onde constata-se uma grande carência por parte do corpo docente nas séries iniciais.

Uma outra situação que vem refletir diretamente é o grande fluxo migratório regional ocasionado pelo projeto Carajás, que a população na busca de melhorias de condições de vida e a perspectiva de emprego fácil, vem atraindo uma grande leva de pessoas que ao deparar com o contraste social existente em Parauapebas e diante do índice de desemprego a nível nacional, não tem outra alternativa, e os que ficam na região, sobrevive sob condições sujeitas a subemprego e até mesmo desempregados e essa situação reflete diretamente na educação básica, principalmente nos bairros de periferia, como afirma um professor ao ser entrevistado:

Como você avalia a situação de Parauapabes para a executar os conteúdos proposto pelo PCN de história e geografia ?

*“ Pelo menos nos bairros mais afastados é fraco, pois tenho observado coisas ao ir para escola, alunos muito sujos e rasgados, sentados no chão resolvendo suas atividades. Eu acho sem condições para implantação a nível nacional, com uma pobreza exagerada, sem adaptar a nossa realidade. Como que o aluno vai estudar com fome ? Ele constroe conhecimento? É muito difícil isso aí” (Prof, João).*

Diante da situação de pobreza, além da falta de condições adequada de moradia, as crianças são obrigadas a trabalharem nas ruas para ajudarem no sustento familiar, desta

forma acaba não sobrando tempo para dedicarem a seus estudos, o que torna muito difícil desenvolver um processo de aprendizagem com esses alunos, nos termos como sugere o PCN, no qual o professor deverá criar e elaborar artifícios que promovam a aprendizagem através da pesquisa e de várias fontes de leitura que levem o aluno a confrontar várias informações e a partir dela elaborar seus próprios conhecimentos. Também vale a pena lembrar que a maioria dessa população sobrevive em condições precárias de vida, sem o mínimo de assistência médica e com auto índice de desnutrição, é utopia dizer que diante desse cenário a maioria, desfavorecida, terá o mesmo índice de aproveitamento que a parte privilegiada receberá, com isso corre-se o risco de fortalecer ainda mais a divisão de classes, onde os alunos pobres serão classificados de incapazes por não terem o mesmo sucesso da classe privilegiada.

Partindo desse princípio, encontramos outros fatores que dificultam a aprendizagem, pois, o professor encontra-se sem fontes de informação como afirmam duas professoras do ensino fundamental ao serem entrevistadas:

Os fatos históricos são trabalhados na história tradicional de forma isolada. O PCN de história afirma que tais fatos são frutos das ações humanas. Que método vocês utilizam para trabalharem esses fatos sem isolá-los?

*“Aqui as vezes a gente nem consegue integrar a geografia com a história, antes a gente trabalhava separados, na realidade estamos em um período que não sabemos o que estamos trabalhando. Estamos numa fase muito confusa, que não é um trabalho integrado, pois o PCN propõe que se construa um conhecimento a partir da realidade e não temos recursos para construí-lo com fatos concretos a não ser a exposição oral em sala de aula”.*

Portanto, sabemos que essa é a crítica que fundamenta a justificativa do parâmetro, é a forma descritiva da história e a geografia tradicional, que estudava homem e natureza sem priorizar as relações sociais. Que no período pós-guerra com a mudança na nova ordem econômica, a geografia tradicional passa a ser insuficiente para explicar essa complexidade. Com a influência marxista surge a tendência crítica, cujo foco de preocupação passa a ser as relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico. Hoje a nova tendência critica tanto a tradicional quanto a marxista ortodoxo, que ambas negligenciaram a relação do homem e da sociedade com a natureza, na sua percepção sensível de mundo.

A crítica feita é contra o abandono dos conteúdos fundamentais e a adoção de modismo que busca a sensibilizar o aluno com temas atuais, sem a preocupação de promover uma compreensão dos múltiplos fatores que deles decorrem, caindo na superficialidade em que tem sido trabalhadas nas últimas décadas, onde se perde a noção dos conceitos básicos que são indispensáveis para a compreensão dos fatos. Para tanto, é indispensável uma localização física no espaço e iniciar a análise dos elementos do espaço, procurando destacar a organização espacial interna e externa das mesmas a partir das relações sociais, com maior preocupação as indagações surgem à medida que as articulações da divisão social do espaço, ampliam-se para o todo urbano, urbano-rural, regional, nacional no espaço e no tempo.

O PCN de história sugere que se trabalhe a história a partir das problemáticas locais para uma abrangência regional nacional e mundial. Como você trabalha essa questão?

*“Eu só li os de português e matemática, Agora como eu trabalho principalmente no primeiro ciclo, trabalho oralmente. Através de discussão e conversa, eles passam a conhecer um pouquinho da história e das diferenças. Não tem como trabalhar essas questões, pois, mostramos o que está mais perto da realidade”.*

Um dos grandes empecilhos para a produção do conhecimento está na maneira como são tratados os fatos estaticamente, sem a preocupação de explicá-los relacionando-os com outros aspectos que são também geradores ou conseqüente destes. O que se observa ainda em grande parte no ensino de história, é o tratamento da realidade social como algo estático, sem movimento, acabado, impermeável a questionamentos em geral. Assim as ações humanas se reduzem ao cumprimento de seus deveres e obrigações, abrindo-se exceções apenas aos heróis que individualmente fazem a história. Como por exemplo D. Pedro I resolveu tornar o Brasil independente de Portugal proclamando-a no dia 07 de setembro. Isso expressa uma visão que considera o fato histórico concentrado numa pessoa, em sua vontade e em sua decisão pessoal, desconsiderando as condições econômicas e políticas da época que conduziram para essa direção, além de negar os processos históricos que concorreram para a concretização desse fato.

Trabalhar a interação do aluno com a realidade conforme apresentada, dificilmente resultaria numa atuação efetiva no meio. E aí reside uma questão fundamental, ou seja, a maneira como o professor trabalha, explora, e discute os elementos da realidade com o aluno de forma que interfira na sua maneira de analisá-la e de se posicionar diante dela.

Um dos objetivos de história para o primeiro ciclo, o aluno deverá ser capaz de: identificar as relações de poder estabelecidas entre sua localidade e os demais centros

políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos. Que métodos você utiliza para alcançar esse objetivo?



*“Em primeiro lugar, materiais didáticos que não temos, tem que ser tudo através de pesquisas, com pessoas públicas que estão a disposição, até que, porque na política a gente se faz de cega, porque já se sabe o que acontece. E mesmo através de pesquisas (entrevistas), elas não saem verdadeira. Não vê o desfile de 07 de setembro que são apresentados só as coisas bonitas ? As vezes a gente trabalha o PCN, sem saber que está trabalhando. Pois exige o conhecimento tanto do professor quanto do aluno, inclusive o conteúdo do SAEB, eles mandaram pensando que a gente está trabalhando o PCN, mais trabalhar mesmo não. A intenção será trabalhar a partir do ano que vem. Alguns conteúdos serão trabalhados”*

Observa-se que não adianta estabelecer uma política educacional baseada em princípios democráticos, enquanto o que existe de fato, é uma pseudocracia propagada pelas entidades responsáveis pelas políticas educacionais é isso e notório dentro das escolas, onde se verifica uma grande falta de liberdade por parte daqueles que querem desenvolver um trabalho desmistificador da realidade. Verifica-se também, o estabelecimento da **cultura do medo** dentro das entidades. Isso leva o professor a sentir-se vigiado ao praticar suas atribuições. Sob essa égide, ele tem “liberdade” para desenvolver seu trabalho de acordo com sua postura política/educacional, desde que tal prática não transceda os ditames estabelecidos pelo sistema.

Fica evidente no depoimento acima, que trabalhar a realidade de acordo com que o poder permite é mascarar a existência da própria realidade, pois a carência de materiais

didáticos e as fontes de pesquisas para construção do conhecimento não fornecendo informações concretas, não podemos admitir que um processo de ensino aprendizagem construído a partir de dados dessa natureza possa levar o aluno desmitificar seu contexto e a conhecer sua própria realidade, mesmo porque a realidade que lhe concebe é produzida para ele, e o que é pior sem a participação dele.

No objetivo de história para o primeiro ciclo do aluno deverá ser capaz de: caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas. Como trabalhar as questões indígenas e que recursos você dispõe para atingir esses objetivos?

*“ Eu acho que educação no Brasil não foi encarado seriamente, faz mais um teor político, que não está de acordo com a nossa realidade, como os PCNs. Veja só, os PCN`s são bons, a proposta é boa, só que a gente não têm estrutura. A propaganda de vídeo nas escolas está aí, mas cadê ?*

*Até onde já trabalhei, nem os alunos conhece a realidade indígena, para reconhecer Parauapebas como uma região indígena!*

*Em São Luiz temos monumentos que indicam que os franceses passaram lá. Em Parauapebas, que os índios ainda estão aí, não tem nada que simbolize a existência de índio aqui.”*

Parauapebas por estar localizada numa área eminentemente indígena, se faz necessário conhecer a história de seus primórdios, para compreender o desenvolvimento

histórico social da região contextualizando o processo de exploração econômico e suas consequências relacionadas a expropriação de seu habitar natural.

O que se tem verificado ao longo do tempo e uma forte influência da cultura do homem branco sobre a do índio, e nesse contexto além da apropriação de seus recursos naturais que acaba ocorrendo um intenso desequilíbrio ambiental para sua sobrevivência, constata-se que associado a esse fator, vem ocorrendo também o desaparecimento de seus valores culturais, os quais se perdem nas memórias daqueles que ainda resistem ao dual convívio na região, sem sequer poder perceber que aos poucos essa forte pressão social, vinculada a fatores econômicos, contribui para perda de seus referenciais de valores e identidades culturais.

É notório que ensinar geografia sempre esteve preso aos conteúdos dos livros didáticos disponíveis, sabemos que tais conteúdos não atendem as propostas do PCN. Diante dessa situação que meios você utiliza para trabalhar esses conteúdos?

*“Pesquisei em vários livros e faço texto, porém não é de acordo com o PCN de geografia, por falta de materiais didáticos e recursos em geral. Aplicá-lo só será possível se a FUMEP (Fundação Municipal de Educação de Parauapebas) se empenhar”.*

O PCN de geografia sugere que o professor transcenda o velho método tradicional de ensino e através de diferentes tipos de mapas, maquetes, fotos aéreas, entre outros recursos didáticos, permitam ao aluno ampliar seu conhecimento.

Observa-se nos depoimentos, quando se trata da questão recursos materiais, a unanimidade dos professores ao manifestarem suas insatisfações para desenvolver o ensino proposto. Segundo eles, o problema maior está no repasse desses recursos pela entidade responsável às escolas. Nesse quadro, se constata um problema gritante e ao

mesmo tempo grave, porque os professores não sabem ainda de fato, o que ensinar diante dessa situação de inconstância, pois, optam por trabalhar o conteúdo do PCN, porém, os recursos didáticos sugeridos estão além do que a maioria das escolas de Parauapebas dispõem, desta forma, acabam recorrendo novamente ao livro didático.

O PCN sugere que o professor leve o aluno a estabelecer relações das problemáticas locais com outras paisagens, para a partir daí iniciar um processo de aprendizagem acerca das semelhanças, diferenças e constantes transformações. Que recursos você dispõe para realizar esse processo de aprendizagem?

*“Sempre faço analogias relacionando transformações ocorridas em tempos passados com aspectos atuais. A reação do aluno, as vezes, é a favor do fato, e as vezes, é contrário. Não é de acordo com os parâmetros.”*

Os diversos fatores de transformações existentes aqui na região, como os grandes latifúndios; as questões agrárias; as extrações de recursos naturais; o projeto Carajás, entre outros, fazem com que Parauapebas se torne um município, ainda que jovem, mas ao mesmo tempo apresente um grande transtorno social, bem como estrutural e aí se verifica uma certa carência de registros desses fatos nos órgãos públicos, os quais, deveriam contribuir na educação municipal, fornecendo fontes riquíssimas de pesquisas, assim permitiriam ao professor questionar dentro de sua sala e com bastante propriedade as genes dos problemas sociais aqui existentes, relacionando-os com outras paisagens. Somente assim o aluno poderia com certeza ampliar seu conhecimento e entender, de fato, a verdadeira razão de tantos contrastes em tão pouco tempo em seu município.

Desprovido desses recursos e das fontes tão importantes para seu trabalho, o professor se depara numa questão crucial, que se constata na falta de formação e

conhecimento da própria história do município, o qual nem se quer ainda possui, segundo pesquisas, nenhuma fonte que relate sua trajetória histórica/social/temporal/espacial. As fontes ainda existentes estão nas memórias dos pioneiros que aqui ainda residem. São apenas breves relatos que não se apagaram em suas memórias.

### **MINI-CURSO SOBRE PCN DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

Propomos a discutir o PCN de história e geografia ministrando um curso para alunos do 3º ano magistério e para os professores do ensino fundamental, onde discutimos os PCNs, sendo que a maioria da clientela ainda estava muito confusa e despreparada com tanto materiais, físicos e informativos, para a execução do curso referente a “proposta curricular” que estava sendo implantada em Parauapebas.

Contamos com uma clientela de 50 alunos do 3º ano, onde tiveram a oportunidade de discutir o PCN e analisar os recursos didáticos disponíveis nas escolas das séries iniciais do ensino fundamental.

Partimos para a discussão da realidade da população carente de Parauapebas, o que despertou o interesse dos alunos, os quais começaram a observar e a discutir com a população o motivo de tanta calamidade.

## Relatórios dos Mini-Cursos:

### **1º - RELATÓRIO REFERENTE AO MINI-CURSO COM ALUNOS DO 3º ANO DE MAGISTÉRIO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO EDUARDO ANGELIM**

O curso teve início no dia 31 de maio de 1999, no horário das 19:00 as 23:00 h, na turma do 3º magistério, com participação de 40 alunos.

Nos primeiros momentos - o grupo ministrante trabalhou uma dinâmica de apresentação - "auto-apresentação" com todos os participantes (alunos e ministrantes do curso).

OBS: Um dado importante é que grande parte dos alunos apresentaram-se como pretensos a integrarem a fusão de educadores.

No segundo momento, foi trabalhado o contexto histórico dos Estudos Sociais e a relação dos mesmos com PCN's de Geografia e História na educação brasileira. Nesse momento, a dinâmica usada foi a de leitura dinâmica entre os grupos (composto por quatro ou cinco alunos), mediante interrogação ou questionamento por parte dos alunos - os opositores faziam esclarecimentos .

No segundo dia de curso (01/06/99), foi dada continuidade ao trabalho do dia anterior - no primeiro momento (antes do recreio).

No segundo momento, foi trabalhado textos da revista "Nova Escola", que culminou com as produções de painéis, os quais, exemplificaram o contexto histórico da educação brasileira (por exemplo: preconceito, racismo, descontextualização, etc...).

No terceiro dia (02/06/99), foi trabalhado um texto “O livro de Estudos Sociais no 1º grau”, que tinha como propósito, provocar questionamentos sobre a escolha e produção dos livros didáticos que chegam às nossas escolas públicas brasileiras.

Como conseqüência do trabalho-curso, foi feita uma breve análise do livro didático.

Ao analisar o livro “Estudos Sociais - Brasil”. Autor - Azevedo e Darós - série 4ª , os alunos afirmaram que os livros didáticos têm no seu corpo muita utopia. “*Os livros didáticos estão em outras popularidades, onde os alunos em si, sentem a necessidade de compreender sua própria realidade*”. No entanto, isso não é correspondido.

Os alunos também fizeram críticas quanto a forma como é trabalhado o tempo nos livros didáticos dizendo que não é o bastante, muito menos produtivo trabalhar o distante (ontem, hoje) - separadamente, é necessário ter consciência de um aspecto global.

Quando analisaram os conteúdos que trabalharam “O município”, o grupo formado por: Auricélia, Adriano, Aciene e Ideir , que analisaram o livro “Estudos Sociais - Anda Brincando - 3ª série, da autora Joanita Sousa, afirmaram que o livro mostra fatos de grande importância sim, mas a estrutura-pedagógica é inadequada, pois está baseada em fatores decorativos”.

No decorrer das observações feitas pelos grupos, que analisaram os livros didáticos, percebemos que de um modo geral afirmavam que: “o aluno sente dificuldade de comparar o assunto trabalhado com a realidade em que vive - seu dia-a-dia. Com isso dificulta a análise crítica do próprio aluno”.

No quarto dia de curso (03/06/99), foi trabalhado um filme mostrando duas realidades - a do campo (terra devastada - que retrata os conflitos entre posseiros e latifundiários nos anos oitenta, nos Estados do Maranhão , Tocantins e Pará ) e a da cidade

(vida urbana - que mostra as faces sociais - os detentores dos poderes econômicos e políticos e aqueles desprovidos de bens materiais, que vivem em seus barracos - favelados) e a luta pela sobrevivência nesses dois mundos divergentes.

No quinto dia (04/06/99), foi trabalhado um texto sobre avaliação, e no primeiro momento, aplicamos a dinâmica pela conceituação, onde cada participante dava um pequeno conceito sobre avaliação (a forma como os mesmos concebiam o ato de avaliar). O que ficou claro, é que grande parte dos nossos formandos compreendem avaliação como uma **verificação**, e principalmente uma **medição**.

Após a leitura do texto, pedimos que os alunos fizessem uma análise sobre as realidades retratadas nos filmes, traçando um paralelo com a realidade da classe pobre de Parauapebas.

O que podemos perceber, segundo as análises das partes, é que os atos e causas retratados no filme, também fazem parte da realidade parauapebense, principalmente pelo fato de que - o sonho de arrumar emprego e mudar de vida, faz com que cheguem a Parauapebas uma grande quantidade de famílias, que por consequência do grande fluxo migratório não conseguem empregos, e são obrigados a viverem em condições precárias, aumentando cada vez mais a desigualdade social.

Como análise do grupo, afirmamos que o curso foi de muita importância para ambas as partes (expositores e participantes ) uma vez que tivemos a oportunidade de trabalhar questões referentes a vida social no dia-a-dia e como essas questões são trabalhadas nos livros didáticos. Mais importante ainda, porque, enquanto universitários - da pedagogia - podemos mais uma vez refletir sobre nossa prática de educadores.

## **2º - RELATÓRIO REFERENTE AO MINI-CURSO DOS PARÂMETROS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA MINISTRADO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL**

O mini-curso foi ministrado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Chico Mendes, tivemos uma clientela de 60 professores inscritos, onde 90% dos inscritos participaram do curso, que foi ministrado no período de 17 a 19/06/99, nos horários de 08:00 as 12:00 h e 14:00 as 18:00 h.

No primeiro momento, iniciamos com auto-apresentação dos cursandos. Em seguida uma análise das auto-apresentações relacionando-as com o tema do mini-curso, destacando a parte histórica/geográfica apresentada nas falas de cada cursando.

Dando continuação, fizemos leitura dinâmica de grupos com 5 componentes para a leitura e análise dos pontos principais do parâmetro de Geografia e História, onde os grupos discutiam entre si e, depois partiram para uma discussão mais ampla, envolvendo todos os participantes.

A parte da tarde, continuamos os mesmos grupos, analisamos o texto “didática dos Estudos Sociais”, onde cada grupo analisou um tema, como: Excursão, Observação, Entrevistas, Globos e Mapas, e logo após análise expuseram o tema relacionando-o com o parâmetro, assim expondo também as dificuldades da realidade local para colocá-los em prática.

No dia 18, no primeiro momento, analisamos o texto do livro “O ensino dos Estudos Sociais no 1º grau”, através da leitura dialogada, em seguida cada grupo analisou um livro didático de Estudos Sociais, comentando num relatório final.

No segundo momento, assistimos ao filme “A morte do Padre Josino” e contextualizamos com incentivos fiscais para a ocupação da Região Norte e a expropriação

da maioria dos pobres habitantes da região e cada grupo apresentou o seu ponto de vista através de relatórios.

Dia 19 tratamos da avaliação, onde houveram várias colocações sobre SAEB, procuramos esclarecer as dúvidas questionadas, em seguida os grupos fizeram a leitura dinâmica sobre o texto, “avaliação”, por último apresentaram o relatório final e avaliativo do curso, questionando também oralmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que vimos nesse trabalho, principalmente nas entrevistas do capítulo III, observamos que a conjuntura atual para que possa se construir uma educação radicalmente democrática, exige antes de tudo transformações e comprometimento político por parte de nossos governantes, os quais somos cúmplices e responsáveis por suas ações, bem como a realização de um trabalho no qual o professor livre da cultura do medo e sob condições dignas sociais, possa realizar sua ação pedagógica.

E evidente que, se queremos nos tornar jogadores de futebol temos que treinar futebol. Se queremos nos tornar nadadores temos que treinar natação. Mas o que dizer de um sujeito, ainda que crítico e conhecedor de sua realidade, e vivendo numa pseudocracia, espera passivamente que as mudanças venham através das ações dos outros?

Nosso principal traço deixado pela educação é o de passividade. Não deveríamos então nos surpreender com o fato de que o traço mais característico, em nós impresso pela escola, seja a passividade, diante não só do conhecimento como também diante de todos os fatos que se desenrolam à nossa frente. Continuamos sentados num berço, ou melhor, deitados num berço do qual já não sobra muito de esplêndido. Temos nos mantidos quase indiferente, esperando que autoridades resolvam, “melhorar as coisas”.

O que se observa na educação municipal é uma negligência por parte da política educacional é uma passividade por parte dos professores, os quais são os agentes responsáveis pela execução final dos PCN's. Ainda que conhecedores da dificuldade de se trabalhar os parâmetros, não manifestaram ainda qualquer questionamento acerca de sua implantação. Embora saibamos que o professor não é a única pessoa que desenvolve a

educação, não podemos também esperar mudanças substanciais na estrutura social, para podermos mudar a prática educativa.

Portanto voltamos a questão geradora da pesquisa responsável pela materialização desse trabalho, REALIDADE OU UTOPIA ? Com base nas constatações extraídas a partir da realidade educacional em Parauapebas, não adianta querer estabelecer uma proposta educacional nos pressupostos democráticos pretendidos, sem levar em consideração as condições estruturais, materiais e principalmente sociais, além de outros elementos prioritários à realização de uma educação realmente democrática e com qualidade para todos.

Mas indiferente às situações peculiares de cada região, o que se verifica é imposição mesmo, dos parâmetros. O governo tem pressa e o sistema não pode esperar e aí o que se presenciava no município é uma tentativa de adequar um currículo elaborado com pressupostos, em grande parte, dissociado do contexto regional, o que acaba gerando um grande confronto de concepções.

É possível mudar a visão e a prática da atividade docente, com uma proposta radicalmente nova na postura e na ação, mas para isso é preciso que o professor seja treinado. Não basta que ele tenha ouvido falar e queira exercitar sem exercício prévio a nova proposta. É preciso um mínimo de competência, por parte de quem se compromete qualquer tentativa de inovar.

## BIBLIOGRAFIA

- GENTILI, A. A. Pablo & SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.) *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. 5ª edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997.
- MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. (Orgs.) *Currículo Cultura e Sociedade*. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.
- DOMINGUES, José Luiz, *O cotidiano da Escola de 1ª grau: O Sonho e a Realidade*, São Paulo: PUC/Cegraf: 1988 (Coleção Teses Universitárias).
- OLIVEIRA, Dalila Andrade, *Currículo nacional e avaliação: elementos para uma discussão*, Revista de Educação AEC - Nº 100/1996.
- CANDEIAS, A. *Políticas Educativas Contemporâneas: críticas e alternativas*. In: *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: Educação e Realidade*. V.20, n1, Porto Alegre, jan./jun. 1995.
- CANDAU, Vera Maria. *Magistério - Cosntrução Cotidiana*. Editora vozes, Petrópolis, 1998.
- SEMED, *Cadernos de Educação Nº 02*. Prefeitura Municipal de Parauapebas. Editora Campus, Rio, 1990.
- PCN's Vol 01 e 05, MEC. Brasília. 1997.
- FARIAS, A. L. G. de, *Ideologia do Livro Didático*. 10 edição. São Paulo: Cortez: Autores associados - 1991 (Coleção Polêmicas do Nosso tempo; Vol 07).

## ANEXOS

### **Perguntas das entrevistas realizadas com professores da rede municipal de Parauapebas**

- Quando perguntamos a um professor . O que é currículo pra você?
- Como o professor trabalha o currículo de história e geografia?
- O que você pensa da história como disciplina e sua contribuição para a sociedade?
- O que você pensa da Geografia enquanto disciplina e sua contribuição para a sociedade?
- Sabemos que os PCN's é uma proposta a ser trabalhada. Mas que será cobrada pelo SAEB. O que a escola tem feito, ou pretende fazer para a aplicabilidade do PCN de história e geografia após 01 ano que ele está disponível ?
- Com você avalia a situação de Parauapabes para a executar os conteúdos proposto pelo PCN de história e geografia ?
- Os fatos históricos são trabalhados na história tradicional de forma isolada. O PCN de história afirma que tais fatos são frutos das ações humanas. Que método vocês utilizam para trabalharem esses fatos sem isolá-los?
- Com você avalia a situação de Parauapabes para a executar os conteúdos proposto pelo PCN de história e geografia ?
- O PCN de história sugere que se trabalhe a história a partir das problemáticas locais para uma abrangência regional nacional e mundial. Como você trabalha essa questão?

- O PCN sugere que o professor leve o aluno a estabelecer relações das problemáticas locais com outras paisagens, para a partir daí iniciar um processo de aprendizagem acerca das semelhanças, diferenças e constantes transformações. Que recursos você dispõe para realizar esse processo de aprendizagem ?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL DO PARÁ  
NÚCLEO DE MARABÁ

## DECLARAÇÃO

DECLARO para os devidos fins que fui orientador do(a)

aluno(a) Alivaldo Demétrio Guimarães, matrícula

número 9405300915, no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, cujo

tema é Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia. Um estudo

sobre a aplicabilidade em Parauapebas, tendo o(a) mesmo(a) obtido

conceito Excelente.

O estudo sobre a aplicabilidade dos PCNs de História e Geografia no município de Parauapebas traz muitas informa-

ções sobre o trabalho de professores das séries iniciais com esta disci-

plina. A análise sobre a possibilidade desses professores efetivarem concreta-

mente tais propósitos, retrata a realidade do ensino brasileiro, claro que não ignora todas as possibilidades de análise. O empenho dos alunos e qualidade do T.C.C. produzido justificam tal conceito.

Ulidi Louira dos Anjos  
Professor Orientador

1281659  
Matricula



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL DO PARÁ  
NÚCLEO DE MARABÁ

## DECLARAÇÃO

DECLARO para os devidos fins que fui orientador do(a)

aluno(a) Maria Nazare Rodrigues, matrícula

número 3405303315, no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, cujo

tema é Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia. Um estudo

etnográfico sobre sua aplicabilidade em Parauapebas, tendo o(a) mesmo(a) obtido  
conceito Bastante.

O estudo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia apresenta um resumo sobre a proposta de ensino para séries iniciais do ensino fundamental do MEC, uma pesquisa de campo sobre a visão de professores do ensino fundamental sobre o ensino de História e Geografia, bem como sobre a possibilidade de aplicação da proposta do MEC no Município de Parauapebas. A pesquisa é muito rica, traz muitas questões a serem discutidas nessa área de ensino e talvez por isso, eleva a qualidade do trabalho.

Cláudia Pereira da Silva  
Professor Orientador

1281659  
Matrícula